

Introdução

1. Introdução geral

Uma das maiores tragédias da igreja nos nossos dias é o modo tão limitado e incorreto em que Apocalipse tem sido interpretado, com um foco obsessivo no futuro fim dos tempos, com o resultado de que não percebemos que ele contém muitas verdades profundas e encorajamentos relativos à vida cristã e ao discipulado. As visões proféticas de Apocalipse podem facilmente encobrir o propósito de que ele foi escrito como uma carta para as igrejas, e uma carta de natureza pastoral. O objetivo de Apocalipse é dar encorajamento para cristãos de todas as épocas, pois Deus está cumprindo os seus propósitos mesmo em meio a tragédias, sofrimentos e um aparente domínio satânico. Este livro é o brado de vitória da Bíblia, pois nele, mais do que em outra parte do NT, é revelada a vitória final de Deus sobre todas as forças do mal. Portanto, o Apocalipse é um encorajamento para que o povo de Deus persevere na certeza de que sua recompensa final é certa, e adore e glorifique a Deus apesar das provações e das tentações para marchar de acordo com o ritmo do mundo.

É difícil entender o livro de Apocalipse sem antes entender o AT. João identifica-se como um profeta (1.3), na linha dos profetas do AT, anunciando a palavra do Senhor, tanto de juízo como de promessa. Estudiosos estimam que, dos 404 versículos de Apocalipse, 278 contêm referências ao AT, e que mais de quinhentas alusões no total são feitas a textos do AT (em comparação com menos de duzentas em todas as cartas de Paulo). São alusões (ainda que relativamente reconhecíveis) e não citações diretas. Por exemplo, o que João vê em 1.12-18 é o mesmo que Daniel viu na sua visão do Filho do homem e que Isaías mencionou na sua profecia a respeito do Servo do Senhor, cuja boca é como uma espada afiada (para referências veja abaixo). Essas alusões mostram a unidade entre o AT e o NT e, em especial, demonstram que a promessa do Messias e seus sofrimentos, salvação e vitória são os mesmos do início ao fim da Bíblia e da história da humanidade. Uma rápida olhada em apenas algumas das alusões ao AT no primeiro capítulo ilustrará o nosso argumento. Em 1.5 João alude a Salmos 89.27; em 1.6 a Êxodo 19.6; em 1.7 a Zacarias 12.10; em 1.13-15 a Daniel 7.13-14 e 10.5-6; em 1.15 a Ezequiel 1.24; e em 1.16 a Isaías 49.2.

A profecia do AT conclamava o povo a renovar seu compromisso com Deus e sua lei e a afastar-se das práticas pagãs que procuravam levá-los a comprometer-se com elas. Quando o Apocalipse é entendido desse modo, como livro profético e pastoral ao mesmo tempo, ele se torna imediatamente relevante para todos nós à medida que caminhamos pelas suas páginas na nossa peregrinação diária pelo deserto do mundo, onde Deus está nos protegendo até que ele nos faça passar para a Terra Prometida da nova criação final. Grande parte do livro vem a ser um comentário sobre o ensino de Paulo acerca da batalha espiritual em Efésios 6:10-17. A cada dia devemos vestir a armadura de Deus e enfrentar as artimanhas do Maligno até que, havendo feito tudo, estaremos para sempre na presença do Senhor. Acima de tudo, podemos ser encorajados pela promessa oferecida na grande visão de João de que esta história acabará com o triunfo de Deus e do Cordeiro, e que encontraremos o nosso lugar reinando com eles e adorando-os por toda a eternidade.

2. Autoria

O Apocalipse é o registro de uma visão profética dada a um homem chamado João durante seu exílio na ilha de Patmos. O autor identifica-se como João, servo de Deus que dá testemunho de Jesus Cristo e que está exilado por causa da sua fé (1.1,9). Trata-se do apóstolo João ou de outro homem de mesmo nome. Ele era bem conhecido de todas as igrejas da Ásia e possuía autoridade suficiente para escrever-lhes uma carta dessa natureza e esperar que ela fosse acatada. Ele era um líder de bastante proeminência para ser exilado pelas autoridades, que deviam considerá-lo uma ameaça. A maneira como João utiliza o AT e seu texto hebraico demonstra que ele era originalmente um judeu da Palestina, e não um nativo de fala grega. Apesar disso, João também conhecia bem seu AT em grego e o usava com habilidade. É muito improvável que um outro João, judeu natural da Palestina, mas de outro modo desconhecido a nós, tenha vivido e trabalhado entre as igrejas da Ásia e tivesse esse grau de autoridade. Portanto, o autor desse livro é provavelmente o apóstolo João. Além disso, muitos dos temas particularmente associados ao evangelho e às cartas de João – Jesus como o Verbo, o Cordeiro, o Pastor, o maná, a água viva, a vida e a luz, aquele que vence, que guarda a palavra e os mandamentos de Deus, e outros – também aparecem em Apocalipse. Esse livro foi preservado e circulou na igreja primitiva, sua autoridade foi reconhecida e foi crido desde os primórdios em que ele foi escrito pelo apóstolo João. O testemunho de Irineu é particularmente significativo. Embora tenha sido escrito por volta de 180, Irineu foi discípulo de Policarpo, que foi martirizado em 156, viveu como cristão por 86 anos e conheceu João pessoalmente. Podemos presumir com confiança que essa carta é realmente um registro de uma visão concedida ao discípulo amado, nessa época um homem idoso, perto do fim do período do Novo Testamento.

3. Data da escrita

João escreveu a igrejas que haviam passado por uma perseguição ocasional e localizada (2.3,13; 3.8-9), o que não se encaixa com a intensa perseguição da época de Nero em 64-65 d.C. A igreja de Éfeso, fundada por volta do ano 52, já tinha existido por tempo suficiente para ter perdido o seu primeiro amor (2.4). A igreja de Laodiceia é chamada de rica (3.17), mas Laodiceia foi devastada por um terremoto em 60-61 e teria levado muitos anos para se recuperar. Os primeiros escritores cristãos, incluindo Irineu, afirmaram que João recebeu sua visão durante o reinado de Domiciano (81-96), e foi nesse período que o culto de adoração do imperador foi estabelecido em Éfeso, e algum tipo de perseguição irrompeu contra a igreja. Nosso estudo vai mostrar que os cristãos a quem João estava escrevendo foram forçados a participar desse culto imperial (veja sobre 2.9,13-14; 13.15). Por volta do ano 100, a base comum de acusação contra os cristãos passou a ser o fato de eles recusarem-se a adorar o imperador. O judaísmo gozava de certas liberdades sob a lei romana, incluindo o direito de adorar nas sinagogas e certo grau de dispensa do culto imperial. No entanto, uma vez que os cristãos foram identificados como grupo distinto dos judeus, esses privilégios não lhes teriam sido estendidos. O livro de Apocalipse parece indicar que alguns judeus cristãos foram tentados a fugir da perseguição voltando para as sinagogas e que os gentios cristãos foram tentados a evitar a perseguição cedendo às exigências do culto ao imperador. Na Ásia Menor, onde ficavam as igrejas citadas em Apocalipse, as exigências do culto ao imperador foram muito intensas principalmente do ano 90 em diante. As pessoas eram obrigadas até mesmo a participar de sacrifícios quando as procissões passavam por suas casas. O ímpeto para esse culto parece ter vindo mais de oficiais locais e provincianos que desejavam ser bem-vistos por Roma do que do próprio imperador. As tentativas deles de parecer bem aos olhos de Roma dependiam de sua habilidade em forçar a população local a apoiar entusiasticamente o culto, e os que desrespeitassem tinham de ser punidos. Em Apocalipse, Roma, junto com outros reinos, é identificada como a Babilônia, mas os judeus só se referiram a Roma como Babilônia depois da destruição do templo em 70, comparando essa destruição àquela causada pelos babilônios séculos antes. Portanto, as evidências parecem indicar que Apocalipse foi escrito pouco depois de 90, quando o apóstolo João já seria um homem idoso.

4. A natureza do livro

O Apocalipse combina aspectos de três diferentes tipos de escritos – apocalíptico, profecia e carta. A palavra “apocalíptico” vem do termo grego para “revelação” e pode indicar a literatura preocupada com o detalhamento dos acontecimentos do fim dos tempos. Muitos livros apocalípticos foram escritos antes, durante e depois do período do NT, sendo a maioria proveniente de círculos judaicos em vez de cristãos. Alguns

estudiosos desconsideram o Apocalipse como sendo apenas mais uma dessas descrições extravagantes e fantasiosas dos últimos dias.

Embora haja muitas definições de apocalíptico, é melhor entender apocalíptico como sendo uma intensificação da profecia. Muitas distinções têm sido estabelecidas de modo geral entre obras dos tipos apocalíptico e profético. Na verdade, alguns livros do AT combinam os dois em menor ou maior grau. “Apocalíptico” não deve ser visto como muito diferente de “profecia”, mas o primeiro contém uma intensificação e uma concentração mais forte das características literárias e temáticas encontradas no segundo. O que por vezes é intensificado na literatura apocalíptica é a origem da revelação (ou seja, visões do trono de Deus, descrições de sua aparência gloriosa, anjos ao redor do trono, descrições do templo celestial no qual se encontra o trono, etc.). Que esse é sobretudo o caso em Apocalipse é confirmado pela descrição adicional desse livro como “profecia” em 1.3, e também em 22.6-7,10, em que paralelos literais com 1.1,3 são encontrados (o que é indicado adicionalmente ao se observar a referência a “profetas” em 22.6; veja mais adiante sobre 1.1). Além disso, “revelação” em 1.1 é uma alusão direta a Daniel 2, em que a palavra refere-se à revelação profética comunicada por Deus ao profeta Daniel (veja sobre 1.1). Nesse sentido, Apocalipse é mais bem considerado como inserindo-se no gênero de obras profético-apocalípticas do AT, em especial as de Ezequiel, Daniel e Zacarias. Por conseguinte, ao longo do livro há repetidas visões da sala do trono celestial de Deus e da sua aparência ali.

Assim, João vê a si mesmo na linha dos profetas do AT, embora na linha daqueles que, como Daniel, Ezequiel e Zacarias, têm um interesse específico no fim dos tempos. O interesse desses profetas estava em *proferir* exortações para aplicar às pessoas no presente e em *preanunciar* o futuro. Como foi observado acima, o Apocalipse, como obra apocalíptico-profética, concentra-se na origem da revelação, mais do que o faz a literatura profética. A fonte da revelação é a sala do trono de Deus no templo celestial. Esse é um aspecto que faz parte do gênero profético (p. ex., Is 6, Ez 1–2), mas em Apocalipse passa a ser o foco dominante a fim de ressaltar a origem divina e celestial da revelação enviada às sete igrejas. Também é enfatizada essa perspectiva celestial para que as igrejas sejam lembradas de que os verdadeiros conflitos espirituais estão ocorrendo nos bastidores dos fenômenos e acontecimentos terrenos aparentemente sem importância. Certamente a razão para se dirigir às igrejas por meio dos seus anjos representantes é para lembrá-las de que elas já começaram a participar de uma dimensão celestial, e que seu verdadeiro e eterno lar é aquela dimensão de um novo céu e uma nova terra (veja sobre 4.4; 21.1–22.5), inaugurados por meio da morte e ressurreição de Cristo (veja sobre 3.14). Esse lembrete deve motivá-las a não colocar sua segurança definitiva no velho mundo, como o fazem os incrédulos e idólatras “que habitam sobre a terra” (veja a discussão sobre 6.17). O foco na perspectiva celestial também torna as igrejas conscientes